



Um ano sem Marielle

Seu cruel assassinato ainda não foi esclarecido. No entanto, seu legado, sua luta pelos direitos humanos, dos favelados, dos negros e das minorias ganha cada vez mais luz e vozes

PÁGINAS 6 E 7

Violência obstétrica: mais uma contra as mulheres

PÁGINAS 4 E 5

Mareenses, digam não aos abusos contra as mulheres

PÁGINAS 8 E 9

Jogo sujo: leia a segunda reportagem da série sobre saneamento básico

PÁGINAS 12 E 13

DOUGLAS LOPES



Casos de HIV aumentam

Entre adolescentes de 15 a 19 anos, do sexo masculino, o número de infectados subiu 590%, segundo o Ministério da Saúde. Precaver-se desta e de outras ISTs é, ainda, o melhor remédio.

PÁGINA 3

ACP, uma conquista da Maré

Instrumento jurídico que representa um direito coletivo, Ação define garantias para os moradores durante as operações policiais.

PÁGINAS 10 E 11

DOUGLAS LOPES



EDITORIAL

Em 1975, a ONU instituiu o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher. Há muitas versões sobre o porquê da escolha do dia e do mês para celebrar e impulsionar a causa feminina. Todas as versões, no entanto, remetem às lutas das mulheres, especialmente as trabalhadoras, pelos seus direitos. Passadas mais de quatro décadas, um fato trágico associaria, ainda mais, este mês às lutas das mulheres pobres e periféricas: o brutal assassinato de Marielle Franco, crime que segue sem solução, apesar de toda a pressão popular nacional e internacional.

Nesta edição, além de falarmos de Marielle e do Dia Internacional da Mulher, abordaremos pautas que são caras ao sexo feminino, que falam de sua existência, de seus percalços e desafios. Abordaremos um tema desconhecido por muitas mulheres: a violência obstétrica. A desumanização, a negligência, os maus-tratos e o autoritarismo aos quais as parturientes e gestantes são submetidas é algo que acontece com tanta frequência que a maioria das mulheres (e dos homens também) naturaliza o tratamento abusivo, achando-o normal.

Falamos, também, das muitas violências das quais passam as mulheres, violações que ainda são naturalizadas, infelizmente. Nesta reportagem, as mulheres poderão constatar que não estão sozinhas, que existem órgãos, entidades e serviços que podem acolhê-las e orientá-las e que, como em tudo na vida, estar conectada em rede com outras mulheres é fundamental para a garantia de seus direitos e apoio as suas dores e lutas.

Esta Edição 98 do Maré de Notícias traz, ainda, reportagem sobre saneamento básico e como ele é precário nas regiões periféricas, constituindo-se em um verdadeiro preconceito.

Trazemos também boas notícias. A Mostra Maré de Música agitará a cena cultural da favela, com *shows* de artistas já conhecidos do grande público e de músicos da periferia. Outra boa notícia foi a conquista – e os resultados – da Ação Civil Pública da Maré. Não sabe o que é isso? Desconhece as garantias que a Ação propõe? Não tem problema. Basta avançar algumas páginas e você ficará por dentro.

No mais, boa leitura, e não deixe de nos enviar suas sugestões. Sua opinião e participação são muito importantes.

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

 (21) 97271-9410

CHARGE - NANDO MOTTA

@desenhosdonando



ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!
comunicação@redesdamare.org.br

HUMOR

Um senhor vai a loja de insetos e pede 35 moscas, 200 formigas, 50 baratas e 14 aranhas.

O vendedor fica curioso e pergunta: O senhor vai abrir um zoológico de insetos?

Resposta: Não, tenho de entregar o apartamento que aluguei. No contrato diz que devo entregar como recebi.

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:



R. Sargento Silva Nunes, 1012

Nova Holanda – Maré

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242

Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276

comunicao@redesdamare.org.br

PARCERIA:



UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb – 24422/RJ)

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Eliane Salles
(Mtb 17026/RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Camille Ramos
Jéssica Pires

FOTÓGRAFOS
Douglas Lopes
Jéssica Pires

REVISORA
Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO
Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO
Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O MARÉ DE NOTÍCIAS chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o Jornal no nosso site: www.mareonline.com.br

 @redesdamare  @redesdamare  @redesdamare

Prevenir é a palavra de ordem

Segundo o portal data_labe, nascidos nos anos 1990 já são os mais infectados pelo HIV na história do País

CAMILLE RAMOS

Precisamos falar sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nos grupos de amigos, com a família e, principalmente, com os parceiros sexuais. E isso é urgente! Fazer sexo sem proteção tem aumentado o número de ISTs entre jovens de 25 a 39 anos, segundo dados do Ministério da Saúde. Causada por vírus, bactérias ou outros microrganismos transmitidos, principalmente, por meio do contato sexual, IST é a nova sigla que o Ministério da Saúde adotou para substituir o termo DST (Doença Sexualmente Transmissível). A mudança aconteceu porque o “D” de DST estava relacionado à doença, que necessita de sintomas e sinais visíveis no organismo para ser detectada.

HIV: sobe em 590% entre homens de 15 a 19 anos

Independentemente de toda a informação que se tem, o número de jovens infectados não para de crescer. Segundo pesquisa recente do portal data_labe (laboratório de dados e narrativas na favela), jovens nascidos nos anos 1990 já são os mais afetados pelo HIV na história do País, superando as gerações anteriores. Entre 2007 e 2017, o número de casos subiu quase 140% na população em geral, de acordo com o mais recente Boletim Epidemiológico de HIV/

Aids, lançado pelo Ministério da Saúde. Entre jovens de 15 a 19 anos do sexo masculino, o aumento chegou a 590%.

Para a enfermeira **Sara Mançano**, que atua na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda, essa geração tem um modo diferente de encarar as ISTs. “Quando os jovens chegam aos consultórios, eles já sabem sobre as infecções porque, geralmente, fizeram pesquisas pela internet. Mas quando recebem o resultado de sorologia positiva, o susto é muito grande. A questão é que eles acreditam que só acontece com o outro. Antigamente, nos anos 1980, os jovens viam as pessoas morrendo. Hoje já não é assim. O HIV não tem cara”, conta.

Nas clínicas da família é oferecido serviço gratuito e rápido com testes de HIV, sífilis e hepatites B e C, com resultado em 15 minutos, diagnóstico e acompanhamento na própria clínica. Outro teste gratuito e instantâneo é o de gravidez. É importante frisar que algumas ISTs não apresentam sintomas, mas podem ser detectadas por meio de exames laboratoriais, o que aumenta a importância de se manter uma rotina de acompanhamento médico regular, com a realização de exames.



DOUGLAS LOPES

Preservativos e informações são fundamentais para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis

ISTs

Existem mais de 30 tipos de ISTs. As mais conhecidas são: herpes genital, sífilis, gonorreia, HIV, HPV e hepatites virais B e C.

Métodos de prevenção

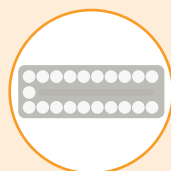


Camisinha masculina



Camisinha feminina

Métodos contraceptivos



Oral: pílulas hormonais, distribuídas nas clínicas da família.



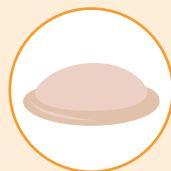
Pílula do Dia Seguinte: também distribuídas nas clínicas da família.



Injetável: injeções mensais ou trimestrais, que também estão disponíveis, gratuitamente, nas clínicas da família.



DIU: hormonal ou de cobre, que também podem ser colocados, gratuitamente, nas clínicas da família.



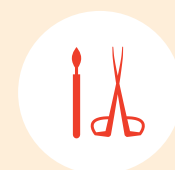
Diafragma: pode ser encontrado em algumas clínicas da família.



Adesivo hormonal: não está disponível na rede pública.



Anel vaginal: não está disponível na rede pública.



Ligadura de trompas / Vasectomia: deve-se ir à clínica da família e obter encaminhamento.

Violência naturalizada

Negligência, maus-tratos e humilhações a gestantes são mais algumas das muitas violações sofridas pelas mulheres

CAMILLE RAMOS

“**M**eu parto foi anormal”, essa é a resposta que a hoteleira **Náthali Campos de Souza** dá, quando perguntada sobre a forma pela qual seu primeiro filho, Kauã, nasceu. Forçada a um trabalho de parto “anormal”, por permanecer sem passagem, mesmo horas depois de sua bolsa ter estourado, Náthali fala do episódio – traumático – como se tivesse acontecido no dia anterior e, não, há 15 anos. Infelizmente, casos como os de Náthali são mais comuns do que se imagina e caracterizados como violência obstétrica – mais um abuso e violação, entre os muitos já sofridos pelas mulheres.

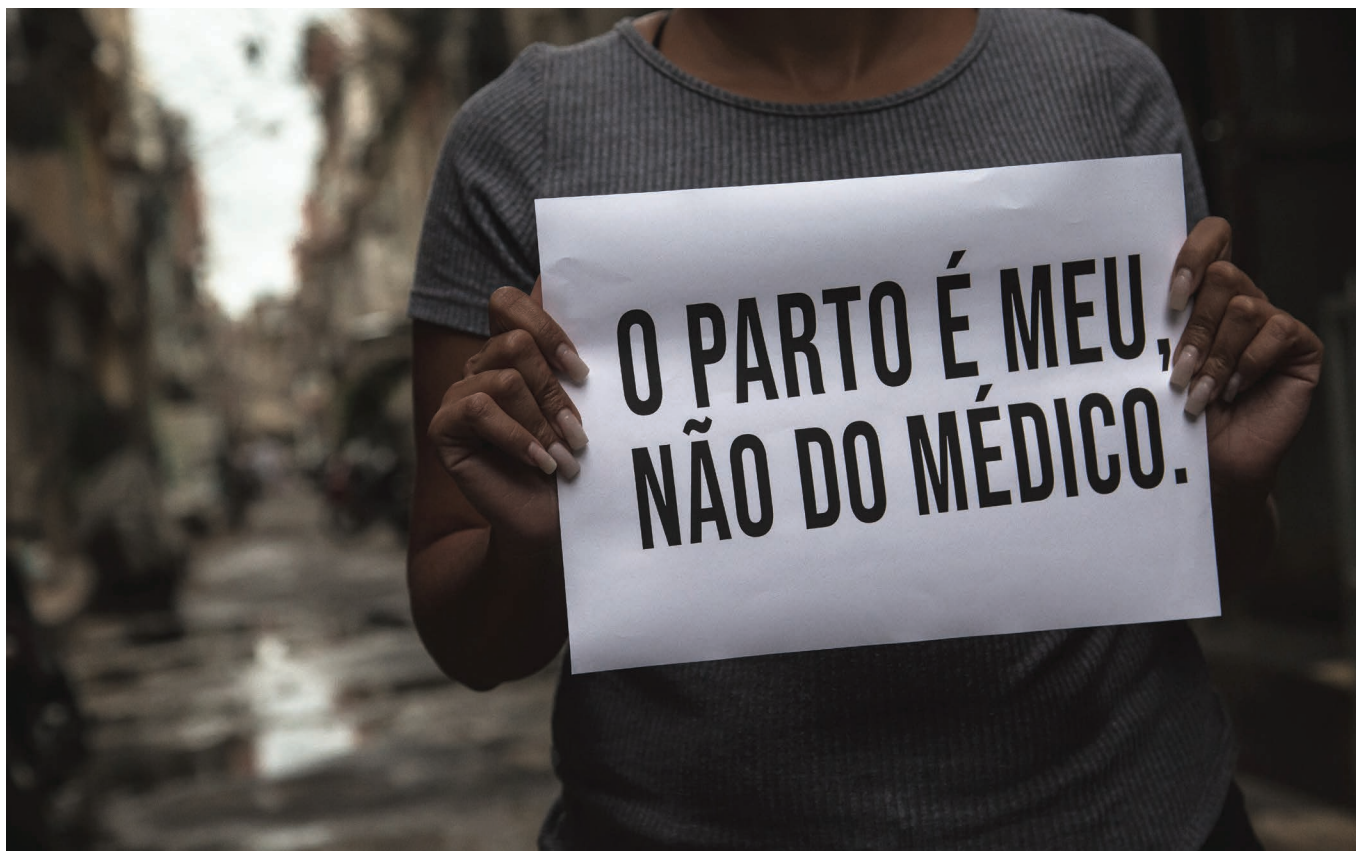
Divulgada pela Fundação Perseu Abramo, em 2010, a pesquisa “Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado” mostrou que uma em cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência durante o parto. Mais comum de se ver do que deveria, a violência obstétrica pode ser

VOCÊ SABIA?

⚠ Que abusos durante um caso de aborto, assim como todas as outras fases da gestação (pré-natal, parto e pós-parto) são considerados como violência obstétrica?

⚠ Que a Lei nº 11.108, de 2005, garante às parturientes o direito à presença de um acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no Sistema Único de Saúde (SUS)?

DOUGLAS LOPES



Abusos às grávidas acontecem tanto na rede pública de saúde quanto na particular; muitas mulheres não sabem que sofrem esse tipo de violência

considerada como qualquer intervenção física ou psicológica cometida por hospitais, médicos e/ou suas equipes, que interferem no processo natural do trabalho de parto, enfraquecendo ou anulando a autonomia da mulher em decidir sobre seu corpo e sua sexualidade.

Vítimas são negras, adolescentes, solteiras e/ou pobres

O maior número de casos acontece entre mulheres solteiras, adolescentes, de baixo poder aquisitivo e, principalmente, negras, segundo um documento da Organização Mundial da Saúde

(OMS). Esse era o caso de **Aline Montanheiro**, quando, no parto de seu filho Miguel, recebeu 11 pontos, após um corte justificado como uma “ajuda” para o bebê nascer. “Não tinha passagem [dilatação] pro meu filho sair. O médico disse pra eu fazer força que ele ia

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA É...

Negligência: a gestante tem dificuldade no acesso ao atendimento;

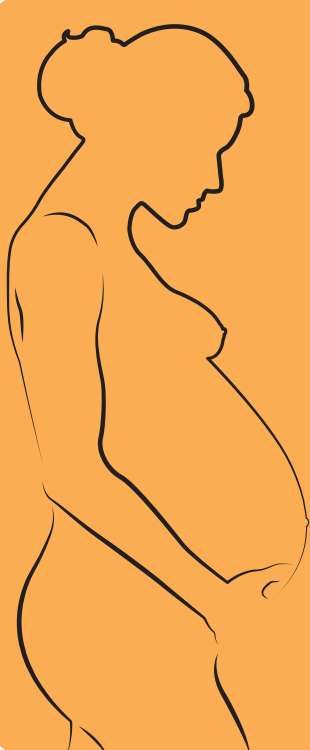
Física: intervenções desnecessárias e/ou violentas, sem o consentimento da paciente;

Verbal: comentários agressivos, constrangedores, ofensivos, tentativa de ridicularizá-la com a opção de parto ou posição de dar à luz;

Psicológica: ações que causam sentimento de inferioridade, abandono, medo e instabilidade emocional.

E também...

Ameaças, gritos e chacotas, procedimentos médicos não autorizados, imposição de cesariana, proibição da presença de acompanhante, recusa em oferecer analgésicos, violência física, omissão de informações, divulgação de informações que possam insultar a mulher, entre outras ações, segundo a OMS.



me ajudar, empurrou a minha barriga e fez o corte. Miguel nasceu com a cabeça amassadinha, mas, graças a Deus, depois ficou normal”, relembra Aline.

Chamado Episiotomia, o corte feito na região do períneo (conjunto de músculos que ficam entre a vagina e o ânus) para “facilitar” a saída do bebê, já foi um procedimento de rotina, mas atualmente é contraindicado pela OMS.

Do público ao privado e em todas as fases de uma gestação

Os abusos a grávidas não acontecem, apenas, em hospitais públicos. A mesma pesquisa da Fundação Perseu Abramo indica que 17% das mulheres atendidas no setor privado afirmam ter sofrido violência. Na rede pública, a taxa é de 27%. Isso porque, segundo a psicóloga **Miria Benincasa**, que dá aulas e tem trabalhos na área da Psicologia Obstétrica, as pesquisas mostram, apenas, as mulheres que sabem que foram abusadas, mas não inclui aquelas que não têm dimensão da violência sofrida. Além disso, muitas mulheres têm dificuldade de denunciar os abusos, legalmente. Segundo a psicóloga Miria, a fragilidade da mulher é agravada

por uma condição histórica. “Toda violência contra a mulher tem características machistas e está dentro do grupo de violência de gênero. O papel da mulher na sociedade é historicamente inferior, então, a violência obstétrica é reflexo do machismo estrutural. Denunciar abusos num hospital não é, apenas, denunciar um universo masculino, é também denunciar médico, e essas são duas categorias muito poderosas neste País”, observa a psicóloga.

Falta de legislação

No Brasil, não há uma legislação específica para tratar casos de violência obstétrica, o que torna ainda mais árdua a ação de denunciar os abusos sofridos. De acordo com a advogada **Roberta Eugênio**, que atua na Casa das Mulheres da Maré, há dificuldades em se enquadrar esse tipo de violência em uma legislação específica. “A legislação é vaga. Temos normas que nos protegem quanto ao erro médico, ao hospital e ao Estado, mas ainda é uma dificuldade entender e enquadrar a violação que pode ser física e também psicológica”, explica.

Sendo assim, o melhor em to-

dos os aspectos é se prevenir. Tanto Roberta quanto Miria afirmam que a forma mais eficiente para diminuir o risco de sofrer abusos é buscar uma rede de conhecimento e apoio ao parto, com grupos de mulheres, *doulas* e afins. Num País onde 90% das mortes no parto poderiam ter sido evitadas, é um atraso assustador, sem dúvida, não ter uma legislação para prevenir e punir casos de violência obstétrica.

MAIS QUE A DOR DO PARTO...

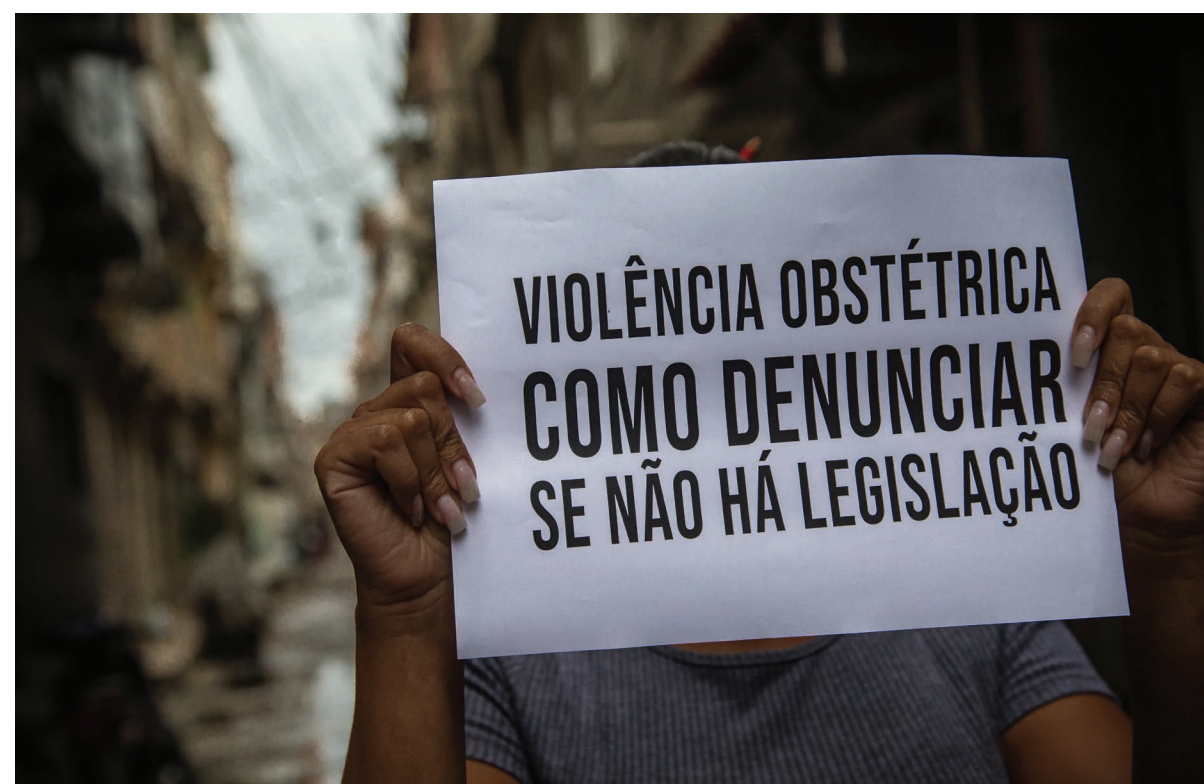
“Lembro que uma enfermeira ‘trepou’ em cima de mim com os dois cotovelos, empurrando minha barriga pra baixo e, mesmo assim, o bebê não desceu. Depois disso, veio o corte, sem autorização. Eu perdi muito sangue. Depois puxaram meu filho por um ferro e ele nasceu roxo, com a cabeça deformada e muito inchada. Até hoje ele tem uma cicatriz”. **Náthali Campos de Souza**, comerciante.

“Escolhi uma casa de parto e tive meu acompanhamento por lá, todo humanizado. Quando fui ter minha filha, eles utilizaram linguagens técnicas para eu não saber o real estado dela. Pedi pra ser transferida do hospital e, lá, sofri um toque doloroso, ouvi piadas racistas e me conduziram para a cesariana. Depois, não me deixaram pegar minha filha no pós-operatório, porque disseram que eu estava anestesiada, mesmo eu avisando que já sentia minhas pernas. E, por fim, quando fui conduzida ao quarto, tive de pedir para levarem minha filha junto e ainda ouvi reclamações, como se não fosse um direito meu tê-la junto a mim, o tempo todo”. **Mariane Duarte**, cientista social.

“Foi a pior experiência que já tive. Dei entrada no hospital com muita dor e sangrando bastante [ela teve um aborto espontâneo]. Enquanto esperava o médico que me acompanhava, fui atendida por outro. Este estava com um celular na mão, assistindo a vídeos e permaneceu assistindo durante minhas perguntas. Quando o questionei sobre o que poderia ser feito no momento, ele me respondeu que ‘estava esperando o material descer’, e completou: ‘mas se você quiser sentir dor, ok’, demonstrando imensa falta de empatia”. **Isabel Taunay**, jornalista.

"Toda violência contra a mulher tem características machistas e está dentro do grupo de violência de gênero"

ROBERTA EUGÊNIO
Advogada da Casa das Mulheres da Maré



Legislação brasileira prevê erro médico: segundo especialistas, ainda é difícil caracterizar violação física e psicológica

A luta de Marielle não foi interrompida

Passado um ano, pode-se constatar que seu legado está sendo protegido e expandido por muitas vozes

FOTO: DOUGLAS LOPES



Brutal assassinato da vereadora rompeu as fronteiras da cidade e do País e indignou o mundo: quem matou e por que são perguntas que persistem um ano após a sua morte e não se calarão

CAMILLE RAMOS

Imponência, força, resistência, empoderamento. Com quantas palavras se pode apresentar Marielle? No Mês da Mulher, quando completa um ano daquele 14 de março em que o chão fugiu de nossos pés, sua voz permanece nutrindo a luta, dia após dia, fortalecendo os invisibilizados pela sociedade. Uma figura feminina que ressignifica, para muitos, o que é ser mulher, negra, lésbica e cria de favela, cria da Maré. Mas o que fez Marielle ser Marielle? O que faz a sociedade cobrar, sem cansar, a elucidação do caso que ainda paira sobre nós, cheio de rumores e nenhuma resposta concreta? Qual é o legado mais poderoso de Marielle? Ouso dizer: política com afeto.

O diálogo proposto por Marielle ultrapassou

as vielas da Maré, onde cresceu e aprendeu a lutar por sua existência que, aqui, explicou: era coletiva. “Eu sou porque nós somos”, o lema africano Ubuntu embalou toda a trajetória política de uma parlamentar que não nasceu na Câmara, mas nas ruas, resistindo. Marielle falava com propriedade sobre o papel de mulher negra, periférica, mãe solteira, e utilizava da empatia para elevar o discurso sobre a urgência de uma sociedade menos desigual. Por pautar grupos minorizados com afeto e conhecimento de causa, conquistou a confiança de 46.502 pessoas e nos representou até o seu último dia, quando, covardemente, tentaram impedir que sua voz ganhasse mais espaço. Mas seus algozes perderam. Marielle virou semente e

segue presente em qualquer espaço que houver política com afeto, em defesa da garantia de direitos humanos.

2018: um ano para não esquecer

O ano de 2018 começou com essa tentativa de nos calar. Mas ao contrário do que parecia se pretender, a representatividade feminina aumentou. Na Câmara dos Deputados, por exemplo, foram eleitas 77 mulheres – 50% a mais que na última eleição – entre elas, 13 negras e, pela primeira vez, uma trans e uma indígena.

No Rio, foram eleitas três assessoras de Marielle: Renata Souza, Mônica Francisco e Dani Monteiro, todas deputadas estaduais; e Talíria Petrone, amiga de luta de Marielle, que foi representar nosso estado em

Brasília. Todas negras. Esse é um recado claro de que não seremos interrompidas. Marielle sempre estará presente!

Marielle e seu legado

Perguntamos a pessoas que conheceram de perto a luta e a trajetória de Marielle sobre a herança, o legado deixado por ela – uma vereadora em seu primeiro mandato, negra, LGBT e favelada. Confira.



“Primeiro de tudo é preciso não esquecer que o corpo da Mari foi assassinado, mas que a luta que ela representava está mais viva que nunca. Não existe lado bom ou possibilidade de olhar com um olhar positivo esse crime político,

é importante dizer isso. Queríamos a Marielle viva aqui com a gente, mas a execução despertou em nós um senso de urgência. Tantas mulheres vieram antes de nós e viveram em luta... Corpos de mulheres negras não escolhem lutar, precisam estar em luta para sobreviver. Sem dúvida, não daremos um passo atrás, e é com toda essa ancestralidade, das que vieram antes de nós, que vamos seguir". **Talíria Petrone**, deputada federal.

"Marielle nos deixa muitas marcas, mas uma das mais importantes, sem dúvida, é de sua defesa pela vida, que é reconhecida mundialmente. Com a sua morte, podemos aplicar aquela frase que fazia parte da luta das mães de vítimas produzidas pelo Estado: "Do luto à luta". Então, a luta da Marielle não é apenas por ela, mas pela morte de uma mulher negra que mostrou o quanto nós estamos ligadas, porque sua execução produziu um sentimento físico, palpável, em todas as mulheres, especificamente, e de modo muito singular, em mulheres negras. Isso produziu uma indignação ancestral e o desejo de luta que é presente no discurso da mãe do Marcos Vinicius, por exemplo: o quanto essa força de luta vai ajudar na manutenção da sanidade de alguém que perde seu ente de forma tão violenta". **Mônica Francisco**, pastora e deputada estadual.



"Quando a Marielle entra num espaço de poder que normalmente não vemos mulheres, negros e LGBTQs, acaba impactando a vida de pessoas que têm as mesmas características que ela. Isso mostra que quando trabalhamos coletivamente, chegamos a lugares para ter visibilidade e também para fazer a diferença. As periferias do Brasil viram na Marielle uma figura que poderia dar luz aos dilemas cotidianos. Virar candidata nesse momento de muita dor e perda foi difícil, mas foi uma decisão pautada no trabalho que eu já vinha fazendo durante nossa história. A eleição foi uma resposta social para dar também continuidade ao trabalho da Marielle. Transformar o luto em luta é muito feito pela favela, quando perdemos nossos entes queridos pelas mãos do Estado, seja na fila do hospital ou em operações que vitimam as pessoas. Transformar o luto em luta é o nosso cotidiano". **Renata Souza**, deputada federal.



"Marielle virou um símbolo de luta, resistência. Ela extrapolou a territorialidade e vai para o mundo inteiro como exemplo de liderança. É, sem dúvida, um exemplo muito forte de uma figura que nunca se afastou da origem popular, da Maré, e se estivesse viva continuaria uma trajetória no sentido de transcender cada vez mais". **Edson Diniz**, diretor da Redes da Maré e ex-professor de Marielle.

DOUGLAS LOPES



Marielle, presente! Hoje e sempre: frase virou slogan e chamado de muitas causas sociais

MÊS DAS MULHERES, UMA INFELIZ COINCIDÊNCIA



Marielle morreu em março, mês em que, em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Internacional da Mulher. Para muitos, o 8 de março é apenas um dia para dar flores e fazer homenagens às mulheres. Mas diferentemente de diversas outras datas comemorativas, esta não foi forjada pelo comércio, mas teve origem nos movimentos reivindicatórios de mulheres trabalhadoras – lutas que emergiram nos Estados Unidos e na Europa no começo do século XX. Abaixo, algumas informações sobre o 8 de março:

- ♀ Um dia dedicado às questões feministas é reivindicado (e também celebrado) desde o início do século XX.
- ♀ Muitos consideram que o primeiro "dia das mulheres" aconteceu em 26 de fevereiro de 1909 em Nova Iorque, quando 15 mil mulheres marcharam por melhores condições de trabalho (na época, as jornadas podiam chegar a 16h por dia, seis dias por semana e, não raro, incluíam os domingos).
- ♀ As condições trabalhistas (salubridade, carga horária, pagamento, punições, garantias) nas fábricas no fim do século XIX e no começo do XX eram desumanas. No entanto, segundo alguns historiadores, as condições de trabalho das mulheres ainda eram piores que as dos homens.
- ♀ Há controvérsias sobre a escolha da data. É muito comum, no entanto, relacioná-la ao incêndio ocorrido em 25 de março de 1911, na fábrica têxtil Triangle, quando 146 trabalhadores morreram, sendo 125 mulheres e 21 homens.

Muito pouco a comemorar

Desafios e abusos impactam o cotidiano das mulheres, mas elas não estão mais sozinhas

ARTHUR VIANA, MAYKON SARDINHA E SHYRLEI ROSENDO

PESQUISADORES DO PROJETO SOMOS DA MARÉ. TEMOS DIREITOS! - EIXO DE SEGURANÇA PÚBLICA E ACESSO À JUSTIÇA DA REDES DA MARÉ

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), entre 193 países no mundo, o Brasil é o 5º País mais perigoso para as mulheres. De acordo com o “Dossiê Mulher”, elaborado pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), em 2018, uma mulher foi morta, por dia, vítima de homicídio doloso no Rio de Janeiro. Homicídio doloso é aquele em que existe a real intenção de matar, ou seja, último estágio de uma série de violências que, geralmente, antecedem ao assassinato. Dados do “12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública” mostram que, em 2017, foram registrados 221.238 casos de lesão corporal dolosa, enquadrados na Lei Maria da Penha, o que representa uma média de 606 casos por dia, ou seja, uma mulher registra uma agressão com base na Lei Maria da Penha a cada 2 minutos. Quando a violência contra a mulher é a pauta, são muitos os dados que assustam. Vamos apresentar, então, o que podemos fazer para nos fortalecer e melhorar esse cenário.

Muitas mulheres no mundo sofrem ou já sofreram algum tipo de violência e, na Maré, não é diferente. As dinâmicas de violência podem mudar, mas sempre giram em torno da sensação de poder que a pessoa que pra-

tica a violência acredita que tem sobre a mulher. A desigualdade historicamente construída entre homens e mulheres também fortalece esse processo.

É comum, nesses casos, o controle e a limitação da rotina da vítima, que podem incluir assédio e diversas outras pequenas atitudes que passam despercebidas, mas devem ser observadas e, se necessário, banidas ou, até mesmo, denunciadas. Alguns exemplos são: controle do uso do celular, dos amigos ou de pessoas com quem se tem amizade na internet; invasão de privacidade no celular; censura de fotos publicadas na internet; controle sobre publicações nas redes sociais; exigência quanto à informação da sua localização; exigência de compartilhamento de fotos íntimas;

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PODE SER:



FÍSICA: ofende a integridade ou a saúde corporal da mulher, com queimaduras, cortes, empurrões, socos, tapas, beliscões, etc.



SEXUAL: obriga a mulher a presenciar ou participar de atos sexuais sem consentimento.



PSICOLÓGICA: causa dano emocional, constrangimento, humilhação, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir.



MORAL: faz ameaça, acusação, xingamento, difamação, etc.



PATRIMONIAL: se apropria, destrói parcial ou totalmente seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, etc.

exigência da passagem de senhas pessoais; exigência de que mostre suas conversas com outras pessoas; cobrança no imediatismo de resposta on-line, entre outras. Fique atenta!

Violência contra as mulheres na Maré

Historicamente, as mulheres da Maré protagonizaram algumas das

principais lutas que levaram a mudanças que, hoje, já foram alcançadas por aqui, como, na década de 1980, a conquista da água encanada e a garantia do direito a creches e escolas. São mulheres fortes, mas que têm suas especificidades em lutas como a violência contra a mulher.

Em uma pesquisa rea-

DOUGLAS LOPES



"Isso te incomoda?": folder distribuído pelo projeto Maré de Direitos - Mulher aponta os muitos tipos de violência e de abusos sofridos pelas mulheres

lizada com 800 mulheres que residem na Maré, 28,8% relataram terem sido vítimas de algum dos tipos de violência. Esta pesquisa resultou na publicação “Dores que libertam”, que traz depoimentos de mulheres das favelas da Maré sobre violências.

As mulheres têm direitos

O Projeto Somos da Maré, Temos Direitos! (Eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré), busca mobilizar as moradoras e moradores do Complexo da Maré para atuarem na garantia e no cumprimento dos seus direitos, tendo o direito à segurança pública como o pilar das abordagens. Diversas atividades são organizadas para que essa discussão se torne parte da rotina das moradoras e moradores e possam, enfim, desmistificar a narrativa hegemônica de que a favela é um espaço onde os direitos podem ser suspensos. Essas narrativas alimentam um imaginário coletivo de que as favelas são territórios violentos e que o Estado não pode atuar, inclusive, na garantia dos direitos das mulheres.

Ao longo dos anos, a equipe do Projeto percebeu que é preciso ampliar o entendimento do que é o direito à segurança pública, apontando que o tema não se restringe, apenas, à repressão da venda ilegal de drogas ilícitas nos territórios das favelas pelas forças policiais, e que a violência contra as mulheres não está fora do escopo da segurança pública. A fim de construir uma nova narrativa sobre a favela, o Projeto também deu início a uma campanha de conscientização sobre a violência contra a mulher, por meio das Barracas de Gênero.

As Barracas de Gênero são espaços itinerantes de discussão sobre a violência contra a mulher. Nelas, são distribuídos informativos sobre os tipos de violência e dados que falam das agressões nas escalas nacional, estadual e local (da realidade da Maré). O informativo busca conscientizar e fornecer subsídios às mulheres que estejam passando por alguma situação de violência. A Casa

DOUGLAS LOPES



Barracas de Gênero: parte da campanha de conscientização sobre a violência contra a mulher. Ação volta a acontecer em março

das Mulheres, espaço destinado a melhorar as condições de vida das mulheres com atividades que estimulam a geração de renda, a reflexão sobre a condição de ser mulher e o acesso a direitos, é uma importante parceira das Barracas. **Edileia Barros**, moradora da Vila do João, acha importante a discussão sobre violência contra a mulher. Segundo ela, “algumas pessoas sofrem por não saberem dos seus direitos, ou por medo de se manifestarem”. Para Edileia, o informativo distribuído nas Barracas é interessante à medida que oferece ferramentas de resolução desses problemas que afligem muitas mulheres.

As próximas Barracas de Gênero serão realizadas no dia 14 de março, na Vila dos Pinheiros, às 16h, em frente à Associação de Moradores; e no dia 15, também às 16h, na Feirinha do Parque União.

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA!

As favelas são territórios que fazem parte da cidade! É preciso que nós, moradoras e moradores de favelas, busquemos nossos direitos. As mulheres da Maré não estão sozinhas! Existem diversos órgãos públicos que estão preparados para auxiliar a mulher vítima de violência. Saiba onde recorrer em casos de violência, desrespeito ou ameaça:

- ☑ **Núcleo Especial de Direito da Mulher e de Vítimas da Violência** (Nudem), localizado na Rua do Ouvidor, 90, 4º andar - Centro, Rio de Janeiro, telefone: (21) 23326371;
- ☑ **Central de Atendimento à Mulher**, que atende pelo telefone 180;
- ☑ **Delegacia de Atendimento à Mulher** (Deam), localizada na Rua Visconde do Rio Branco, 12 - Centro, Rio de Janeiro, telefone: (21) 2332-9994.
- ☑ Na Maré, as mulheres devem procurar os plantões de atendimento sociojurídico (com advogada, psicóloga e assistente social) oferecido pelo **Maré de Direitos, na Casa das Mulheres da Maré**. O serviço é gratuito e acolhe e orienta quem estiver passando por situação de violência. Aos sábados, das 10h às 14h, na Rua da Paz, nº 42 - Parque União. Dúvidas ou informações: (21) 3105-5569 ou casadasmulheres@redesdamare.org.br

Em busca da cidadania negada

ONGs, associações e moradores se unem e fazem história ao conquistar ACP

CAMILLE RAMOS

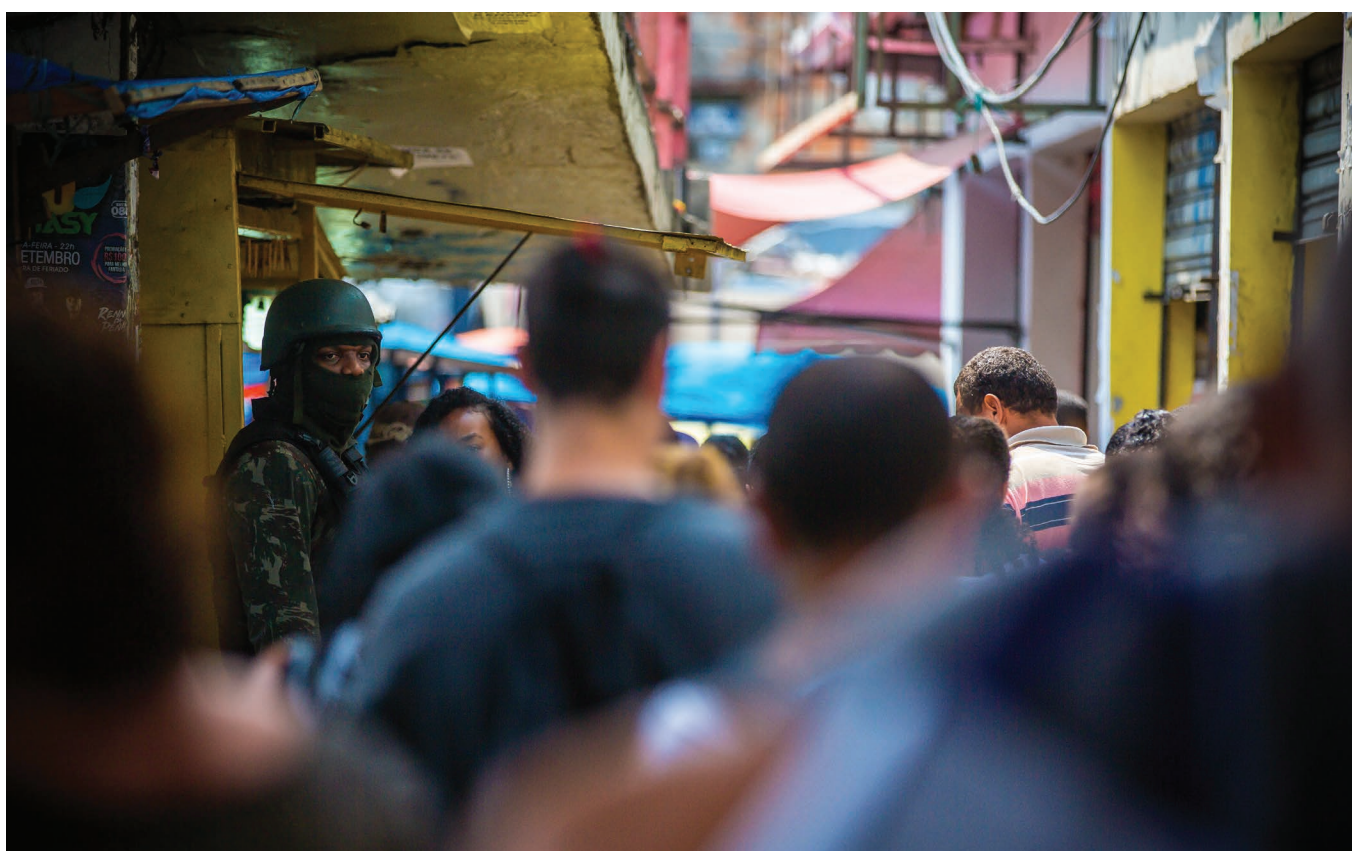
A Maré inaugurou, no Rio de Janeiro, uma Ação Civil coletiva (Leia boxe *O que é ACP?*) na qual o governo do estado precisa seguir um plano de segurança contra a violação de direitos humanos durante intervenções policiais dentro da comunidade. A medida, implementada em 2017, por enquanto, só estabelece limites aqui na Maré, mas é uma espécie de “projeto-piloto” que pode se estender para outras favelas. Foi a primeira vez que o Poder Judiciário exigiu que o Governo Estadual siga um plano de segurança específico para um local da cidade, com a criação de uma medida de redução de riscos e danos.

Um dia de terror

O ano de 2016 foi marcado por inúmeras operações policiais que mantinham um padrão de violação de direitos dentro da Maré, como troca de tiros durante a noite e em locais próximos a escolas. No dia 29 de junho daquele mesmo ano, aconteceu uma operação do Bope (Batalhão de Operações Especiais) e do Choque (Unidade da polícia especializada em controlar e dispersar multidões) nas favelas da Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque Maré e Parque União, que deixou milhares de pessoas presas em instituições, comércio e casas. A Redes, por exemplo, abrigou um grupo de 200 crianças que estava realizando atividades na tarde daquela quarta-feira.

Após horas incessantes de tiroteio, um mo-

DOUGLAS LOPES



Redução de riscos e danos: ACP define procedimentos específicos para a atuação das polícias na Maré. Cumprimento da ação é a próxima luta

vimento de moradores, ONGs e presidentes de associações se uniu para denunciar a intervenção violenta que acontecia na comunidade durante o Plantão Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), no Centro da cidade. O grupo conseguiu, na Defensoria Pública, uma liminar judicial inédita, que determinou o fim imediato da operação e proibiu a realização de novas intervenções policiais no turno da noite. Após a liminar, a Defensoria moveu uma ação mais ampla, reunindo denúncias individuais de moradores e relatórios produzidos pela Redes da Maré, ONGs e ativistas do território, que resultou numa peça de 800 páginas apontando um padrão de conduta das polícias para que os direitos humanos não fossem mais violados dentro do território favelado.

Esse documento ge-

O QUE É ACP?

A Ação Civil Pública é um instrumento jurídico que representa um direito coletivo e parte da mobilização de milhares ou milhões de pessoas que têm problemas parecidos e que necessitam assegurar direitos previstos na nossa Constituição. Então, em vez de cada cidadão abrir um processo administrativo individualmente, são colhidas informações e provas que denunciam um padrão de violação e que resultam em medidas obrigatórias que precisam ser seguidas para a garantia do bem comum. A ACP busca reprimir ou prevenir, entre outras coisas, danos ao meio ambiente, ao consumidor, ao patrimônio público, aos bens e direitos de valor artístico, à honra e à dignidade de grupos raciais, étnicos e religiosos, podendo condenar em multa ou obrigando a cumprir determinados tipos de ações. No caso da Maré, a ACP veio para garantir a não violação dos direitos dos moradores e do território.



DOUGLAS LOPES

Marcas de tiros disparados por helicóptero, também conhecido por 'Caveirão Voador' em operação na Maré, em janeiro

rou a Ação que definiu procedimentos específicos para a atuação de policiais dentro da Maré e exigiu da Secretaria de Segurança do Estado, em até 180 dias, um plano de redução de riscos e danos em intervenções policiais. A ACP estabelece, entre outras, a presença obrigatória de ambulâncias durante as operações policiais nas 16 favelas do complexo e a implementação de equipamentos de vídeo, áudio e GPS em todas as viaturas das Polícias Civil e Militar do Estado.

Para **Eliana Sousa Silva**, fundadora da Redes da Maré, o processo de mobilização coletiva caracteriza a comunidade nos últimos anos. “Eu percebo que existe, aqui, uma perspectiva da busca de direitos muito forte, mas desde o princípio as lutas abordavam garantias a direitos básicos como água, luz e saneamento. Esse enfrentamento da violação de direito à segurança é algo que vem acontecendo nos últimos tempos dentro do território e a Redes, junto com outras instituições, vem pautando que a segurança também é um direito do morador de favela. E a aderência da comunidade favorece esse processo, sendo fundamental para

conseguirmos efetivar, na Maré, o direito à segurança pública”, analisa.

“Garantimos a lei, mas agora precisamos cobrar o cumprimento dela”

Desde a implementação da ACP, a cada entrada da polícia, a Redes da Maré organiza um relatório com dados sobre a operação e envia para a Defensoria e o Ministério Público (MP). Uma das responsáveis pela elaboração do documento é a coordenadora do Eixo de Segurança Pública da Redes, **Lidiane Malanquini**. Ela ressalta a importância da participação dos moradores para pressionar o cumprimento da ACP. “Apontar padrões de violações de direitos por meio de relatórios é mostrar que os casos não são uma exceção e, sim, um padrão de conduta. Reunir denúncias e provas de moradores pressiona o Estado a atuar com mais cuidado no nosso território”, afirma Lidiane.

A última pauta enviada ao MP foi sobre a proibição do uso de helicóptero como plataforma de tiro. O “caveirão voador”, como é conhecido pelos moradores, dispara tiros de cima para baixo. Até o fechamento desta Edição tínhamos a informação de

que isso aconteceu, pelo menos, cinco vezes dentro da Maré. O processo foi rejeitado em primeira instância e encontrase parado atualmente, aguardando o resultado do recurso de segunda instância, impetrado pela Defensoria Pública.

De acordo com o **3º Boletim de Segurança Pública da Maré**, (referente a 2018, lançado em 21 de fevereiro e sua versão reduzida segue junto com esta Edição do Maré de Notícias), algumas medidas da ACP não estão sendo cumpridas. Este é o caso da operação que virou a madrugada no dia 6 de novembro, a falta de ambulância em algumas operações, tiroteios próximos a escolas e o monitoramento da frota policial. Para garantir o cumprimento das ações estabelecidas, Eliana Sousa reforça a importância de manter o acompanhamento das operações para denunciar as irregularidades cometidas. “A ação não se efetivou da maneira como foi conquistada, mas trouxe algumas preocupações para alguns agentes do Estado de como atuar ali. Temos usado a medida politicamente, para chamar a

atenção para algo que foi uma conquista no campo jurídico, mas ainda precisamos fazer isso de forma efetiva. A conquista da ACP foi um ganho expressivo, mas no nosso País, ter a lei não é garantia do cumprimento dela, então a gente segue monitorando e cobrando”. Mas certamente um passo muito importante foi dado com a conquista da ACP, principalmente no sentido de estabelecer, no território, uma conquista coletiva que está no início do processo”, diz.

Para Eliana, a população da Maré deve se envolver com a causa. “Vejo a ACP como um ganho, mas também como uma medida que precisa ser pensada e efetivada. Precisamos continuar mobilizando a população e as organizações para chamar a atenção para o que não foi cumprido. Temos, então, um papel de longo prazo para continuar pensando que outras incidências políticas faremos nesse campo”, finaliza.

Você pode denunciar abusos policiais por meio do Maré de Direitos, na Redes da Maré, ou pelo nosso WhatsApp (21) 99924-6462.

A ACP DA MARÉ ESTABELECEU QUE:

- A Secretaria de Segurança do Estado definiu-se um plano de redução de danos para o enfrentamento das violações de direitos humanos na Maré;
- Fossem instaladas câmeras de vídeo e de áudio e implantando o sistema de localização por satélite (GPS) nas viaturas;
- Uma ambulância fique de plantão na Maré nos dias de operação;
- Mandados de busca e apreensão só devam ser cumpridos no período diurno;
- Fosse feita fiscalização da atuação dos policiais durante as operações, em tempo real, por meio do monitoramento das câmeras nas viaturas.

Jogo sujo: as doenças do racismo ambiental

Preconceito e descuido do poder público com as periferias impactam na saúde da população

EQUIPE DATA_LABE

Quais são as doenças e pragas do século XXI? A resposta para isso depende do território. Segundo dados do 1746, canal de atendimento da Prefeitura carioca, o serviço mais solicitado pelos moradores da Maré, entre janeiro e agosto de 2018, foi o de controle de roedores. Das 599 solicitações feitas à Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb), 51% se relacionavam aos animais. Enquanto isso, a média de pedidos do mesmo serviço para todo o município carioca foi de apenas 7,4%. A proporção é quase seis vezes maior entre a Maré e o resto da cidade, mostrando que jogar, na periferia, é só no nível difícil.

Chikungunya, dengue e zika são nomes que há muito tempo apavoram a favela. Não por acaso, as doenças, no melhor estilo vilão do jogo, têm ligação direta com o saneamento ambiental inadequado. “O tema não aborda apenas a questão do saneamento hídrico, mas também está relacionado ao destino do lixo e ao descarte de dejetos em ambiente poluído. A epidemia de zika, dengue e chikungunya está diretamente relacionada à crise do saneamento”, explica **Daniel Solon**, pesquisador do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor em planejamento urbano e regional do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR).

Recentemente, a Fun-

dação Oswaldo Cruz (Fiocruz) emitiu um alerta sobre uma possível epidemia de dengue, zika e chikungunya no Rio de Janeiro, em 2019. Segundo a Fiocruz, de janeiro até outubro de 2018, foram registrados cerca de 37 mil casos das doenças no estado. No mesmo período de 2017, foram notificadas 4.425 ocorrências. Solon explica que, se o lixo fica exposto durante muito tempo ou se for descartado de forma inadequada, pode atrair ratos e outros animais transmissores de doenças. “Quando você tem matéria orgânica dentro de sacos de lixo, o conteúdo entra em putrefação, atraindo também mosquitos e moscas, gerando aumento dos casos de doenças relacionadas ao mosquito”, aponta o pesquisador.

Dona Maria Cândida,

moradora da Maré desde os anos 1970, é prova viva dos riscos dessa exposição de resíduos. “Na

minha rua tem o esgoto, mas ele não é suficiente. Se chover forte, vamos morrer todos!”, alerta. Segundo a moradora, a quantidade de bueiros no beco é insuficiente para o número de casas próximas. “Se chover forte, entra água por cima, por baixo, por tudo quanto é lugar! Os bueiros não aguentam. Eles ainda fazem limpeza, ti-



Descarte inadequado de lixo atrai insetos e roedores, causando várias doenças, algumas fatais

ram aquela sujeira ali dentro e ainda deixam aí na rua, para quem quiser cheirar”.

A resposta está na água

Contudo, o consumo de água ainda é a principal via de contamina-

ção de doenças ligadas à falta de saneamento.

Segundo o estudo do Instituto Trata Brasil sobre a relação das doenças (diarreia, dengue e leptospirose) nas 10 melhores e 10 piores ci-

dades, a diarreia costuma ser a doença mais citada quando se fala do tema. São as crianças, entre 0 e 5 anos, as mais afetadas nesse jogo da gestão do saneamento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a diarreia – que pode ser uma infecção gastrointestinal causada por bactérias ou

protozoários, entre outros agentes causadores de doenças – é responsável por 40% das internações de crianças no mundo todo. No Brasil, 84% delas morrem após o diagnóstico de enfermidade.

Solon explica que a contaminação da água acontece também por baixo do solo, quando o sistema de esgoto se sobrepõe ao sistema de abastecimento de água e drenagem de água, caso da Maré. Outro fator é a contaminação por chorume. “Em áreas mais desassistidas, o encanamento é construído de forma mais superficial, mais próximo da superfície, o que gera um risco, se houver algum acúmulo de lixo próximo dessa estrutura. O chorume pode contaminar o solo e a água que passa por essa tubulação superficial”, acrescenta.

Segundo o estudo do Instituto Trata Brasil, com análise de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, de 2015, 87%

"A epidemia de zika, dengue e chikungunya está diretamente relacionada à crise do saneamento"

DANIEL SOLON
Pesquisador da UFRJ

das internações por doenças ligadas ao consumo de água contaminada são causadas pelo saneamento ambiental inadequado. Solon destaca que o resultado disso é um grande peso para o Sistema Único de Saúde (SUS). “As consequências para o SUS são diretas. Você tem um aumento do contingente de pessoas acometidas por essas doenças, o que, conseqüentemente, vai elevar os custos de internação”. A OMS emitiu, em 2014, uma comparação de que, para cada um dólar investido em saneamento básico, é possível economizar mais de quatro dólares nos custos com saúde.

Os idosos também são uma população bastante afetada. A pesquisa “Análise espacial da mortalidade de idosos por doenças crônicas no município do Rio de Janeiro”, da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, de 2013, mostra que a mortalidade desse grupo está ligada, diretamente, ao seu local de moradia. Segundo o estudo, aqueles que vivem na Zona Sul da cidade morrem por doenças típicas do envelhecimento, como câncer, enquanto os idosos dos bairros pobres sofrem de doenças ligadas à falta de acesso aos serviços públicos de saúde, como doenças respiratórias e cardíacas. Segundo a pesquisa, a melhoria das condições de vida dos idosos, incluindo a questão do saneamento ambiental, garantiriam qualidade de vida e um envelhecimento mais saudável. A pesquisa usou dados do Censo 2010 e levou em consideração indicadores como renda, analfabetismo, esgotamento sanitário, coleta de lixo e abastecimento de água.

Dona Maria Cândida, moradora na Ruado Canal, em Rubens Vaz, foi

uma das várias pessoas contaminadas pela chikungunya na Maré nos últimos anos. “Eu fiquei marcada! Sempre sinto dores e é terrível. Procuo médicos e preciso pagar por exames novos, tomar mais remédios. Tudo para as dores voltarem de novo depois”, relata.

Nesse jogo, sem bônus para as favelas

Para **Alexandre Dias**, engenheiro sanitário, pesquisador e coordenador do Laboratório de Educação Profissional em Vigilância em Saúde, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Lavs/EPJSV), as escolhas do Estado na gestão do saneamento das favelas traduzem um conceito chamado racismo ambiental. Segundo ele, os impactos dos grandes empreendimentos recaem sobre as populações das favelas. “A

periferia sofre por não ter políticas públicas. É exatamente onde a crise sanitária está se agravando”, explica. As vulnerabilidades socioambientais refletem uma vulnerabilidade institucional, quando o próprio Estado não é capaz de atender às necessidades das populações que mais precisam de políticas públicas.

Este é um reflexo da desigualdade estrutural da sociedade, em que as classes mais favorecidas, as empresas e indústrias ficam com as vantagens dos investimentos, deixando as desvantagens para os territórios menos favorecidos – de onde sai grande parte da força de trabalho. “A lógica é de racismo institucional, um racismo que tem cor e território definido, no qual os benefícios não são para os menos favorecidos, mas os prejuízos, sim. É uma

relação parasitária”.

Alexandre destaca como essa estrutura desigual da sociedade se reflete, por exemplo, na construção da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Alegria. Apesar de estar no Caju, mais próximo da Maré e de outros territórios favelados e periféricos, os bairros que a Estação atende não fazem parte dessa lógica. “Se olhar no mapa, vê-se que os canos saem do Caju, pegam o esgoto de São Cristóvão, Tijuca, Centro e jogam na Baía de Guanabara, mas passam [antes] por uma estação de tratamento boa. Onde a obra ainda não foi executada? Manguinhos, Maré, Bonsucesso, Complexo do Alemão. É uma linha de corte clara. É a favela”.

Não perca na próxima edição a matéria “A grande vilã”, a terceira e última sobre saneamento na Maré.

EVIDÊNCIAS DO RACISMO AMBIENTAL

Em 2018, **51%** das solicitações pela Maré à Comlurb estavam relacionadas a roedores. A média no Rio foi de **7,4%**.

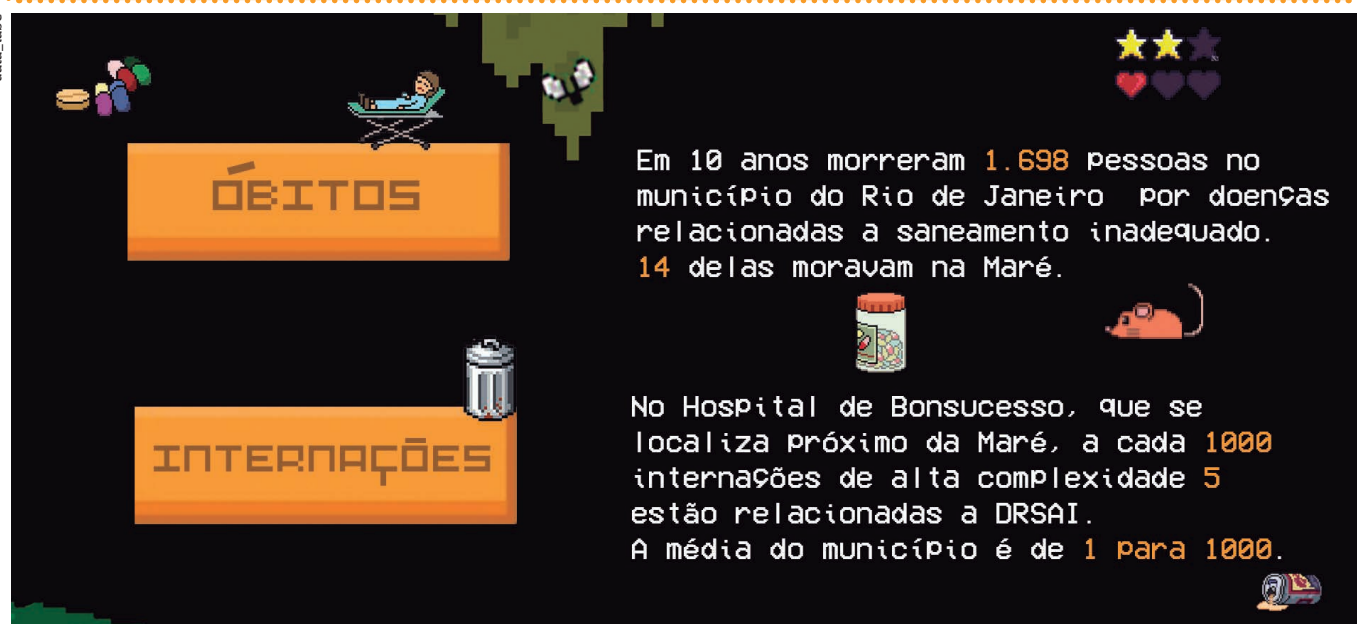
De acordo com a OMS, **40%** das internações infantis em todo o mundo são causadas por diarreia.

No Brasil, **84%** das crianças diagnosticadas com diarreia morrem.

Estudo da Fiocruz mostra que os moradores da Zona Sul morrem de doenças ligadas ao envelhecimento; as dos bairros pobres morrem por falta de acesso aos serviços públicos de saúde.

Segundo a Fiocruz, de janeiro a outubro de 2018, foram registrados cerca de **37 mil** casos de chikungunya, zika e dengue no estado. Em 2017, foram notificados **4.425** casos, um número oito vezes menor.

data_lab



A favela recebe a 1ª Mostra Maré de Música

Moradores terão oportunidade de assistir a bons *shows*. E melhor: de graça

HÉLIO EUCLIDES

Quem nunca ouviu a expressão “colírio para os meus olhos”? Mas quando se fala de música, poderíamos muito bem dizer que é um “colírio para os nossos ouvidos”. A música nos traz diversos benefícios: alivia a dor emocional, melhora a qualidade do sono, reduz o estresse e a ansiedade, facilita a produção e o aprendizado, melhora a *performance* nos exercícios e nos deixa felizes. Imagina, então, poder desfrutar da boa música em 16 *shows* gratuitos. Esse é um dos objetivos da Mostra Maré de Música, que vai reunir artistas da Maré e visitantes a outros, já consagrados, revelando aos cariocas a efervescência cultural e artística da periferia. A Mostra será realizada de março a outubro, no Centro de Artes da Maré e na Lona Herbert Vianna.

A Mostra Maré de Música levará aos moradores da Maré e de outras partes da cidade várias atrações musicais e pretende, com isso, revelar estilos e conceitos musicais, co-

nectar artistas de diferentes origens e mostrar os novos sons do Brasil. “A ideia é muito boa, promover um encontro do artista da periferia com aquele que já tem uma visão do cenário musical. Acredito que o desdobramento será interessante, por não ser um evento pontual, vai crescer a cada mês”, exalta **Rodrigo Maré**, ator e músico. A Mostra apresentará, mensalmente, dois *shows* e cada um deles contará com duas atrações – sendo uma delas um artista de território popular, potencializando a cena musical carioca e trazendo à tona a riqueza musical da Maré.

Efervescência cultural da Maré

Administrada pela Redes da Maré e patrocinada pelo projeto Natura Musical, a Mostra Maré de Música é uma excelente oportunidade para que os cariocas conheçam a efervescência cultural local, que reúne diversos ritmos. “Vamos mostrar que a favela produz,



CAM receberá artistas conhecidos e periféricos, com estilos variados e muita qualidade musical

e tem direito à cultura. Apagar aquela visão de que na favela só se cria produto amador ou secundário. Aqui dentro se produz coisas muito boas, de qualidade, com muito mais potência, já que vem carregada de resistência, unidade, reflexão e diálogo”, detalha Rodrigo. Ele acredita que é sempre bom se criar novas opções culturais, pois ainda há poucas formas de entretenimento para um mundo de gente, que é a Maré.

O projeto vai contra a ideia de que nos territórios favelados há apenas violência, não havendo programações ligadas à arte e à cultura. Ele fomenta a produção cultural nas favelas, ajudando

a população a expandir o sentido de cidade, deslocando-se de regiões centrais em direção às periferias, contribuindo para a construção de redes de valorização e democratização cultural, por meio da música. “Um evento como esse significa um incentivo do movimento da galera daqui e de outras partes da cidade. Vai mostrar que a Maré é ampla, com diversas cenas e movimentos musicais. O que precisamos é de políticas públicas que fomentem isso, e que todos tenham acesso, já que é direito do cidadão”, finaliza Rodrigo Maré.

Não perca: a programação da Mostra será divulgada na próxima Edição do Maré de Notícias.

“Vamos mostrar que a favela produz, e tem direito à cultura. Apagar aquela visão de que na favela só se cria produto amador ou secundário. Aqui dentro se produz coisas muito boas, de qualidade, com muito mais potência, já que vem carregada de resistência, unidade, reflexão e diálogo.”

RODRIGO MARÉ
Ator e músico



Mostra possibilita que moradores de outras regiões conheçam os sons ecléticos da favela

MORRO DO TIMBAU**Dogueria Resenha**

O *Food Truck* carioca, especializado em *hot dog* artesanal, já aparece como um dos espaços mais “bombados” do momento, com pelo menos três eventos semanais.

Quando – sextas, sábados e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Avenida Guilherme Maxwel, 95

NOVA HOLANDA**Baile Funk da NH**

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro – alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Pagofunk da BT

Acontece na rua que dá nome à festa.

Quando – quintas

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Bitencourt Sampaio

Biblioteca Lima Barreto e a Sala Infantil Maria Clara

Machado Funcionam das 9h às 21h e das 14h às 20h, respectivamente, na Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda

Carolina, Abdias e Marielle: Vida, Ancestralidade e Continuação

Quando – 14/03 (quinta-feira)

Localização – Centro de Artes da Maré (CAM) Rua Bitencourt Sampaio, 181 – Maré

Sarau Ipeafro – Homenagem às Griots da Maré (contadores de histórias)

Horário: das 14h às 17h (Mestre de cerimônia: Milsoul Santos)

Cerimônia de abertura da exposição – Abdias Nascimento, a Arte de um Guerreiro

Horário: das 18h às 21h30 (Mestre de cerimônia: Angélica Ferrarez)*

*Visitação da exposição: de 15 de março a 14 de junho, de segunda à sexta-feira, das 9h às 17h; sábado, das 9h às 13h.

Carolina, Abdias e Marielle: Vida, Ancestralidade e Continuação

Quando – 15/03

Local: Casa com a Música (Rua Joaquim Silva, 67, Lapa – próximo à Escadaria do Selarón)

Horário: das 19h às 22h

Slam Maré Cheia

Esta é a primeira edição do Slam, que será aberto pelos Poetas Vivos e contará com um *pocket show* de Ikinya

Quando – 24 de março, domingo, às 15h

Localização – Rua Sargento Silva Nunes, 1012

PARQUE MARÉ**Baile Charme da Teixeira**

Quando – domingos

Horário – a partir das 20h

Localização – Rua Teixeira Ribeiro 563 – na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO**Baile Funk do PU**

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

Quando – sextas

Horário – 18h

Localização – Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile *funk* da antiga e charme.

Quando – domingo

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Roberto da Silveira

Praça do Parque União

O forró da Praça é um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.

Quando – domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional *Pagofunk* já famoso na Maré e fora dela.

Quando – sábados

Horário – a partir das 22h

Localização – Rua Larga

PRAIA DE RAMOS**Pagode do Litão**

Pagofunk sempre com uma atração do *funk* e do pagode.

Quando – sextas

Horário – a partir das 23h

Localização – Piscinão de Ramos – Passarela 13

SALSA E MERENGUE**Pagode da C11**

Um dos eventos mais tradicionais de *funk* e pagode da Maré.

Quando – sextas e domingos

Horário – a partir das 22h

Localização – Via C11

VILA DO JOÃO**Baile da V.J**

Quando – sábados

Horário – a partir das 23h

Localização – Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

Estrela da Vila

Barzinho com boa música ao vivo

Quando – quinta a domingo

Horário – 20h

Localização – Rua Quatorze, 322

VILA DOS PINHEIROS**Tabacaria Dread Locks**

Shows de bandas do cenário alternativo do *rock*, *reggae*, *rap* e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.

Quando – sextas e sábados

Horário – a partir das 20h

Localização – Via B9 – em frente ao bloco 1

BAIXA DO SAPATEIRO**Centenário Bar**

Rock, *flash back* e roda de samba

Quando – Rock: às sextas-feiras, a partir das 22h

Samba: aos domingos, a partir das 17h

Localização – Largo do Quarto Centenário, 27



Vai ficar pela Maré no Carnaval? Então, não deixe de conferir os sambas que empolgarão os foliões do Se Benze que dá e do Siri de Ramos.

SAMBAS-ENREDO**BLOCO SE BENZE QUE DÁ****O amor impera**

Compositores: Wagner Rodrigues, com Flávia Cândido, Fernanda França, Amanda Andrade, Anísio Borba, Pedro Mendonça, Jefferson de Paulo, Virgínia Barbosa, Mariluci Nascimento, Geandra Nobre, Timo Barthold, Mari, Artur Cândido, Dandara França de Paulo, Wallace Lino, Leonardo Melo e Therezinha Fernandes.

O amor impera, no samba
Maré é luta, de bamba
É carnaval, chegou a hora
Se benze que dá, vambora! (2x)

Me representa, a alegria desse povo
Vamos sambar, ir e vir, brincar de novo

É o se benze que dá, na rua outra vez
Vem, vem pra rua morador
Vem Maré, ser feliz de vez (outra vez)

O amor impera, no samba
Maré é luta, de bamba
É carnaval, chegou a hora
Se benze que dá, vambora! (2x)

Dandara, Cláudia, Amarildo e Marielle
Não por acaso preta é a cor da pele
Meus heróis não (só) morreram de overdose
O seu mito fake news estratégia de hipnose

O amor impera, no samba
Maré é luta, de bamba
É carnaval, chegou a hora
Se benze que dá, vambora! (2x)
Chega de perdas no caminho
A vida é o nosso ideal
Olha aqui nossa magia
É resistência! Meu carnaval!

Maré, vamos lutar até o fim/nossas
crianças querem viver/saudáveis e
felizes enfim

O amor impera, no samba
Maré é luta, de bamba
É carnaval, chegou a hora
Se benze que dá, vambora! (repete
duas vezes)

GRES SIRI DE RAMOS**A Soberana Ordem dos Barões. Os Caminhos te Conduzem à Leopoldina**

Compositores: Moisés Santiago, Mariano Araújo, Aldir Senna, Wilson Mineiro, Joca, Leandra Macedo e Bira da Globo

A coroa a brilhar
Bateria arrepia
8 estrelas enchem o peito de alegria
Leopoldinense coração
60 anos de emoção

Prazer
Eu sou Siri de Ramos
Orgulho verde e branco da Leopoldina
Vim exaltar as histórias
De lutas, conquistas e glórias
De homens que nasceram pra brilhar
E hoje a avenida vai festejar
No Brasil, a realeza que veio de Portugal
Concedia a honraria real
Valorizando os bem feitores desse chão
Com a nobreza de barão

No caminho do progresso
Aí tem a ferrovia
A cidade iluminada
Que magia! Fez a indústria prosperar
O nosso Barão de Mauá

Drummond deixou seu legado
Criou a Vila e o Boulevard
Um lindo jardim encantado
Com animais pra se admirar
Guaraciaba o pioneiro
A história do Brasil
Orgulho negro
Luís Pacheco Drummond
Fez a cultura imperar
Na terra do carnaval
Pro nosso povo sambar
O barão da Imperatriz
Dos carnavais da nossa Imperatriz.

Delícias que cabem no bolso

QUICHE DE FRANGO

Ingredientes:

Recheio

- 1 peito de frango desossado e desfiado
- 1 tomate
- 1 pimentão
- 1 cebola
- Coentro
- Orégano

Massa

- 1 kg de farinha de trigo sem fermento
- 1 ovo
- 250 de margarina
- 1 copo (americano) de óleo
- Sal a gosto

Finalização

- 2 cebolas
- 1 colher (sopa) de margarina
- 1 caixa de creme de leite
- 3 claras batidas em neve
- 1 pacote de queijo parmesão

Utensílio

Forma removível (se possível)

Preparo:

Recheio

Depois do peito de frango pronto e desfiado, refogue 2 cebolas em 1 colher (sopa) de margarina e junte ao recheio. Bata as claras em neve e coloque a metade no recheio. A outra metade vai para a finalização do suflê.

Massa

Misture todos os ingredientes como se fosse uma massa de empadão. Coloque na forma e leve ao forno por 10 minutos. Retire do forno, acrescente o recheio e, depois, os ingredientes da finalização. Leve ao forno a 180º (médio) por 20 minutos.

Espere esfriar um pouco e sirva com arroz ou salada verde.

Cristina Ferreira Martins, moradora da Nova Holanda e tecedora da Redes da Maré

CAÇA-PALAVRA

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

Cold brew

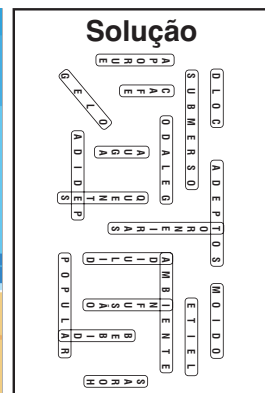
Você já ouviu falar em **COLD** brew? Trata-se de um café **GELADO** feito com um método bem longo de **INFUSÃO**. O termo, geralmente utilizado na versão em inglês, significa algo como "infusão gelada". Para o preparo, o **CAFÉ**, que deve ser **MOÍDO** na hora, é **SUBMERSO** em **ÁGUA** em temperatura **AMBIENTE** e mantido por cerca de oito **HORAS**, podendo ficar até mais tempo que isso. O resultado é uma **BEBIDA** bem concentrada, que pode ser **DILUÍDA** em água com **GELO**, água de coco, **LEITE** e o que mais a criatividade permitir.

O cold brew é muito **POPULAR** nos Estados Unidos e em alguns países da **EUROPA** e vem ganhando cada vez mais **ADEPTOS** no Brasil. Algumas cafeterias oferecem, inclusive, uma versão nitrogenada da bebida, extraída em **TORNEIRAS** de chope. Uma ótima **PEDIDA** para os dias mais **QUENTES!**



ILUSTRAÇÃO: LUZIANE LANES

N D L O C M N A D E P T O S H M O I D O C C
 N F F D T T R T T F G O H M E O C C Y L L C
 N S U B M E R S O L D R G H L H E T I E L H
 C R H G N C F G E N C N C T M R T M Y L R H
 A A C D O D A L E G T E G A M B I E N T E M
 P T A L D T D T T D F I H D N T N D G N T B
 O L F G M H A N G Q N R R I Y N F R G O C S
 R R E N C D U D R U B A H U D D U T B H L A
 U R C N T T G N Y E N S S L N R S R E D L R
 E N F M O L A D R N G D T I R N ã N B T L O
 T M T L Y B G F G T C L S D M L O F I T C H
 R R E R L A D I D E P N F N T G N D D D Y T
 A G R H R Y L H T S N S C P O P U L A R S T



EU, LEITOR

Fale mulher.
 Somos mulheres guerreiras
 Somos mulheres diferentes
 Somos mulheres mães
 Somos mulheres de cor
 Somos mulheres que lutam, que buscam uma vida melhor
 Somos mulheres fortes, heroínas
 Somos mulheres felizes, malucas, estressadas, divertidas
 Mulheres que sorrimos, que podemos gritar agora:
 Viva a vida, viva a liberdade!
 Vamos nos unir mulheres, cada dia mais e mais.
 Vamos nos amar
 Vamos acabar com tudo que for nos prejudicar.
 Mesmo que, por esse motivo, nossa vida se vá.
 Mas não se calem, falem, escancarem, denunciem o preconceito para todas as mulheres que se respeitam.
Rosário Frazão é poeta e moradora do Piscinão de Ramos.

Siga a **redes da maré**
 nas Redes Sociais

www.facebook.com/redesdamare

www.instagram.com/redesdamare

www.twitter.com/redesdamare

e fique por dentro das novidades!